



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,  
ARTES E DESIGN  
FAMECOS

# REVISTA FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-15, jan.-dez. 2023  
e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.41773>

SEÇÃO: JORNALISMO

## Depois do frenesi: uma historiografia do jornalismo *longform* na internet

*After the frenzy: a historiography of digital longform journalism*

*Después del frenesi: una historiografía del periodismo longform en Internet*

Branco Di Fátima<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0001-6981-7228](https://orcid.org/0000-0001-6981-7228)  
[brancodifatima@gmail.com](mailto:brancodifatima@gmail.com)

Recebido em: 15 set. 2021.

Aprovado em: 31 out. 2022.

Publicado em: 13 abr. 2023.

**Resumo:** Dez anos depois do frenesi gerado por obras como *Snow Fall* e *NSA files*, chega o momento de problematizar a resiliência da reportagem na *internet*. Este artigo apresenta uma proposta historiográfica do gênero na web. O seu desenvolvimento é organizado em três períodos, marcados pela introdução de aparatos tecnológicos nas rotinas produtivas da redação: Transposição (1996-2001) examina os primeiros anos da reportagem na rede; Renovação (2002-2011) explora rupturas iniciais e como linguagens informáticas foram absorvidas; e Estabilização (2012-2021) analisa o quadro mais atual das práticas do gênero. Para tanto, recorreu-se à observação direta de obras inovadoras e a pesquisas similares ao longo das últimas duas décadas. O objetivo é cartografar os componentes estruturantes que forjaram as bases para que a reportagem pudesse existir na *internet*.

**Palavras-chave:** reportagem; jornalismo narrativo; historiografia.

**Abstract:** Ten years after the frenzy generated by *Snow Fall* and *NSA files*, it is time to question the resilience of digital longform. This paper presents a historiographical proposal of this genre on the internet. The genre development is organized in three phases, marked by the introduction of technological devices in the editorial routine: Transposition (1996-2001) analyzes the early years of digital longform journalism; Renovation (2002-2011) examines initial ruptures and how computer languages were absorbed; and Stabilization (2012-2021) includes the most current picture of genre. To this end, the paper looked at innovative projects and similar research over the past two decades. The goal is to map the structuring components which forged the bases to longform journalism.

**Keywords:** reportage; narrative journalism; historiography.

**Resumen:** Diez años después del frenesi generado por *Snow Fall* y *NSA files*, ha llegado el momento de cuestionar la resiliencia del reportaje en Internet. Este artículo presenta una propuesta historiográfica del género en la red. El desarrollo se organiza en tres fases, marcadas por la introducción de dispositivos tecnológicos en la rutina de producción: Transposición (1996-2001) analiza los primeros años del género en la red; Renovación (2002-2011) examina rupturas iniciales y cómo se absorbieron los lenguajes informáticos; Estabilización (2012-2021) incluye la imagen más actual de las prácticas del género. Para esto, recurrimos a la observación de trabajos innovadores e investigaciones similares en las últimas dos décadas. El objetivo es mapear los componentes estructurantes para que el reportaje pudiera existir en internet.

**Palabras clave:** reportaje; periodismo narrativo; historiografía.

### Introdução

As pesquisas iniciais sobre os cibergêneros remontam ao alvorecer do jornalismo na *internet*. Shepherd e Watters (1998) estudaram os tipos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal.

textuais publicados por jornais na web, em um processo de mutação dos conteúdos analógicos. Basicamente, significava perguntar: que recursos estão disponíveis no meio digital que não estão nos impressos? Embora a pesquisa sobre os cibergêneros fosse "bastante incipiente" (SEIXAS, 2009, p. 61), os autores concordavam que as potencialidades da *internet* modificavam as estruturas da informação noticiosa.

Mais tarde, um conjunto de autores começou a crer que os gêneros interpretativos eram o melhor ambiente de testes para as potencialidades da *internet*, principalmente pela capacidade de experimentação que já traziam de outros meios (VÁZQUEZ-HERRERO; LÓPEZ-GARCÍA, 2015; EDO, 2009; SALAVERRÍA; CORES, 2005). Esse argumento coloca duas partições. De um lado, ao levar o conteúdo jornalístico ao limite da inovação, as tecnologias tendiam a favorecer os gêneros interpretativos. De outro lado, a reportagem é uma oficina ideal para a articulação das características mais avançadas da *internet*.

Freixa (2015) é dos poucos autores preocupados em dividir o desenvolvimento da reportagem na *internet* em fases cronológicas, tendo fixado as etapas Inicial (2005-2008), Intermédia (2009-2012) e Atual (2013-2014), com base em avanços tecnológicos. Longhi (2014) identificou duas fases, segundo o nível de articulação das potencialidades da rede: o especial multimídia (2000 a 2011) e a grande reportagem multimídia (a partir de 2012).

Este artigo apresenta uma proposta historiográfica mais detalhada da reportagem na *internet*, baseada na exploração de casos marcantes na história do gênero ao longo das últimas décadas. O processo de desenvolvimento é organizado em três fases, tendo como referência a introdução de novos aparatos tecnológicos na prática do gênero e nas rotinas das redações: Transposição (1996-2001), Renovação (2002-2011) e Estabilização (2012-2021). Depois do frenesi criado por obras como *Snow Fall* (2012), do *New York Times*, e *NSA files* (2013), do *The Guardian*, é o momen-

to de problematizar a história de resiliência do jornalismo *longform*.

As reportagens em análise foram recuperadas com auxílio do site Arquivo.pt, uma plataforma digital que preserva milhões de ficheiros web desde 1996.<sup>2</sup> Os arquivos foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 2011), com uma grelha organizada em duas grandes categorias: fundamentos partilhados e atributos singulares (DI FÁTIMA, 2021). Os fundamentos partilhados são recursos presentes desde as primeiras reportagens na web (Quadro 1), enquanto os atributos singulares caracterizam cada uma das fases (Quadro 2). Para padronizar a recolha de informações, optou-se pela navegação via Chrome, *browser* com a maior fatia do mercado internacional (STATCOUNTER, 2022).

### Transposição (1996-2001)

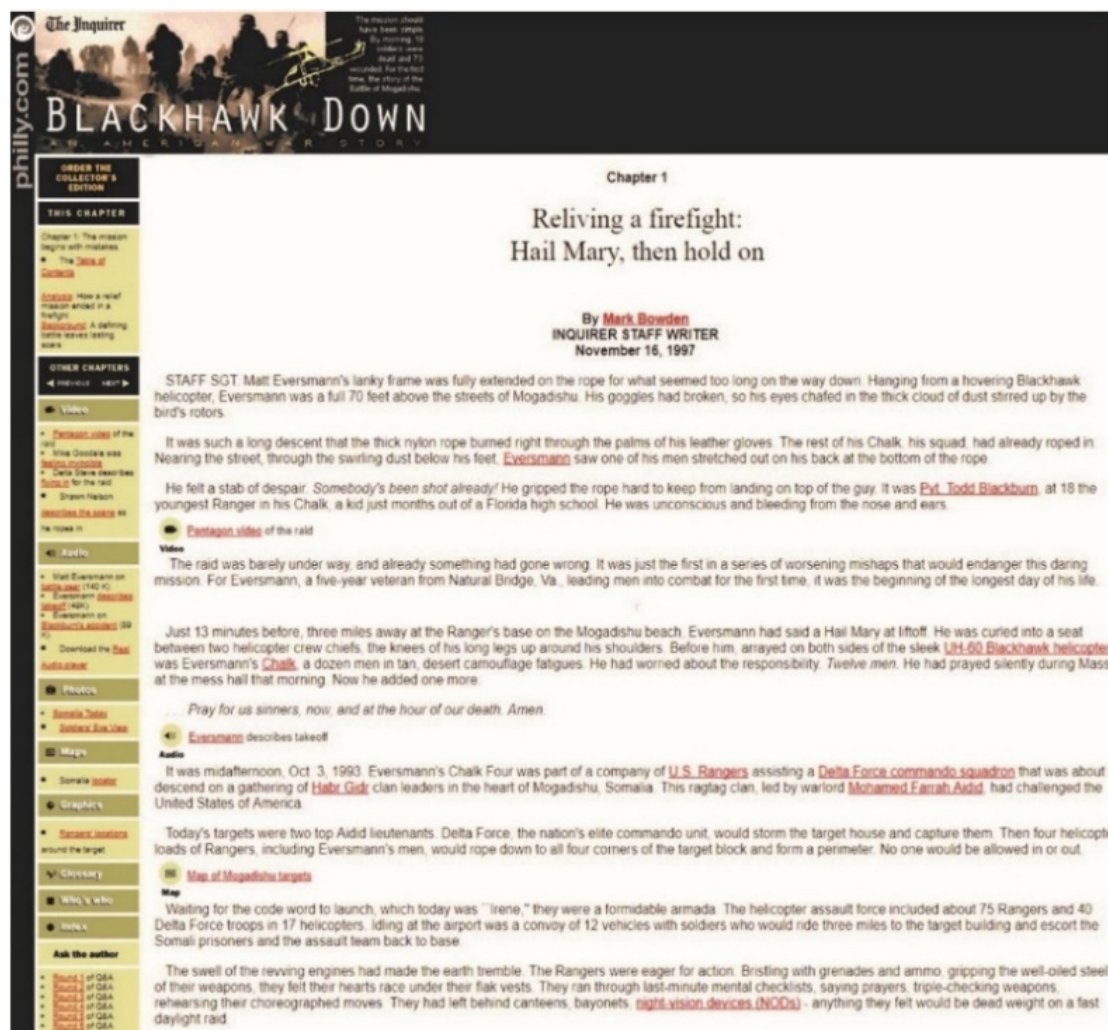
No final de 1997, enquanto muitos jornais desenhavam os seus primeiros dias na *internet*, o repórter e escritor Mark Bowden concluía uma investigação que tomara um ano de trabalho. O resultado foi lançado em série de 29 capítulos, entre 16 de novembro e 14 de dezembro, nas páginas do *Philadelphia Inquirer*. A reportagem *Black hawk down: an American war story*<sup>3</sup> narra a urdidura da Batalha de Mogadiscio, um confronto entre militares dos Estados Unidos e milicianos liderados pelo chefe tribal Mohamed Farrah Hassan Aidid, em 1993.

Em parceria com a equipe do *Philadelphia Online*, site iniciado dois anos antes, Bowden também desenvolveu uma versão web de *Black hawk down* (Figura 1), veiculada em série ao longo do mesmo mês. A reportagem é um dos exemplos mais sofisticados da primeira etapa do gênero na *internet* (ROYAL; TANKARD, 2004), em um momento que "a exploração dos recursos de hipertextualidade e de multimídia ainda está em um estágio inicial" (PALAU-SAMPIO, 2007, p. 12).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://arquivo.pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3UF46OP>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 1 – Black hawk down do Philadelphia Inquirer (1997)



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor em Arquivo.PT.<sup>4</sup>

Um olhar atento ao trabalho revela ao menos três linhas de raciocínio. A primeira de que no alvorecer do webjornalismo era totalmente invulgar a produção de reportagens para a *internet*. Autores como Ribas (2005) e Freixa (2015) só identificaram, anos depois, os vestígios iniciais do gênero na rede. Mannarino (2000) conduziu uma análise, de junho a agosto de 1998, com 147 webjornais de 16 países, como Portugal, Brasil, Chile, Índia, Alemanha e Estados Unidos. Das páginas avaliadas, apenas 7,4% ofereciam reportagens. A segunda de que, se já em um plano geral a reportagem como objeto de estudo é marcada por uma bibliografia concisa (SOUZA,

2010; FARO, 1999), não é de se estranhar que poucas pesquisas falem da etapa de Transposição. A terceira de que, mesmo sendo uma iniciativa criada sob interditos estruturais, com níveis básicos de multimodalidade e interatividade, *Black hawk down* apresentou os elementos que seriam replicados em reportagens futuras. Estabeleceu "um padrão de inovação para a utilização da web pelo jornalismo" (ROYAL; TANKARD, 2004, p. 82).

A obra era a vanguarda das reportagens produzidas para o impresso e transpostas para a *internet*, marcando o final dos anos noventa como o começo desse gênero na rede. Em um novo ecossistema onde a maioria dos veículos vivia

<sup>4</sup> Disponível em: <https://arquivo.pt/wayback/20110108223822/http://inquirer.philly.com/packages/somalia/nov16/default16.asp>. Acesso em: 20 set. 2022.

sob a aura do *Control C*, *Control V*, *Black hawk down* atraiu um público considerável. A série recebeu, em média, 42 mil visitas por dia no seu período de veiculação, o que sobrecarregou os servidores do jornal (ROYAL; TANKARD, 2004). O *Philadelphia Inquirer* adotou uma estratégia comercial para potencializar os seus lucros, ao ofertar múltiplos produtos da mesma história: a obra foi transformada em filme, livro e *audiobook*.

Para produzir *Black hawk down*, Bowden empregou os mesmos procedimentos metodológicos de qualquer reportagem. Quando o conteúdo foi publicado, a Batalha de Mogadiscio completava quatro anos – não era um tema do momento. A série tem por base entrevistas com soldados que lutaram na Somália, transmissões radiofônicas de militares e vídeos classificados pelos serviços de inteligência dos Estados Unidos. O *Philadelphia Inquirer* enviou para campo o fotógrafo Peter Tobia que, com Bowden, passou uma semana na Somália e registrou os dramas humanos da história.

Ao final de um ano de investigação, a profundidade narrativa era evidente. *Black hawk down* "revelou caminhos pelos quais a técnica do *New Journalism* pode ajudar os criadores de páginas web a tornar a sua escrita mais dramática, poderosa e atraente para o leitor" (ROYAL; TANKARD, 2004, p. 83). O projeto do *Philadelphia Inquirer* flertava com o jornalismo narrativo. Tem personagens, descrição de ambientes, *flashback* e cenas de ação. É jornalismo, mas para ser lido na *internet* como se fosse um ciber-romance.

Se o conteúdo veiculado no impresso e transposto para a *internet* se equiparava a outros desse gênero, a novidade ficava por conta do meio virtual. A versão web de *Black hawk down* é um trabalho multidepartamental. Articulou ao menos 16 profissionais, como programador, editor de imagens, fotógrafo, designer gráfico e produtor audiovisual. No cerne, a obra apresentou-se como um produto da associação entre jornalistas profissionais e especialistas de diferentes áreas. E, ao contrário da atmosfera autoral que emoldurou o gênero nobre em outros momentos históricos (GODINHO, 2009), deu créditos a todos os pro-

fissionais enredados no processo, com nome e função listados no expediente.

Esse argumento levanta outros três pontos. Primeiro, a reportagem para a *internet* já não é um conteúdo de autor, mas de autores, muito embora nem todos sejam jornalistas ou tenham ido a campo. Segundo, a viabilização de obras desse gênero exige profissionais multidisciplinares. Terceiro, que a atual atividade de repórter não se resume ao papel de investigador incansável, dono de texto brilhante, mas de mediador em uma rede de trabalho.

Construída em linguagem HTML, em uma página web independente, a reportagem do *Philadelphia Inquirer* oferta ao utilizador um texto principal com 51 mil palavras. Esse texto, em formato justificado na tela, apresenta mais de 700 hiperligações que conectam os conteúdos multimídia e as transições entre capítulos. O consumo das informações dá-se por dois caminhos: a) o menu na lateral esquerda, que organiza todos os conteúdos em seções; e b) a rolagem de página até o hipertexto do próximo capítulo. A obra é assinalada substancialmente pela utilização de textos e de links.

Embora faça parte de um formato desenhado por muitos cliques, a reportagem de Transposição aproveitou o espaço ilimitado da *internet* para anexar documentos originais. Logo, se o leitor decidir mergulhar em certos aspectos da Batalha de Mogadiscio, links do projeto remetem às referências primárias da investigação. Enriquecem a narrativa porque dão a hipótese de ir além da leitura do repórter sobre os eventos. Mas apesar de aproveitar o hipertexto entre os conteúdos, *Black hawk down* é linear. Tem início, meio e fim. Nada impede que o consumo de informações comece pelo capítulo 2, 7, 15 ou 22, mas isso faria pouco sentido para a compreensão da história. Uma das evidências é a seriação da obra. O leitor só poderá conhecer todas as dimensões da Batalha de Mogadiscio se acompanhar a cronologia. Uma vez fisgado pela trama, vê-se impelido a voltar semanalmente ao site. Portanto, passa a ser um consumidor habitual da narrativa.

*Black hawk down* oferta ao leitor uma gama

de conteúdos suplementares invulgar para os padrões do webjornalismo da época. São 30 vídeos que, ao serem acionados, abrem uma nova página de navegação. Pode-se fazer o *download* de 33 áudios, com trechos de entrevistas ou a narração de jornalistas. Conta-se 50 fotografias com legenda, em formato pequeno (300 x 202 pixels = 8,0 por 5,3 centímetros), organizadas ao longo do texto e em duas galerias. Claro que esses resultados precisam ser enquadrados no contexto técnico-social de então. No fim dos anos noventa, a largura de banda da *internet*, as limitações da linguagem informática e a falta do hábito de consumo de conteúdo online condicionaram os projetos mais inovadores (BASTOS, 2011).

Com base na observação de obras e em pesquisas semelhantes, é possível listar as principais características de Transposição: a) a reportagem segue princípios consolidados por outros ciclos fenomenais, seja quanto ao método de apuração, seja quanto às técnicas de produção; b) ganha corpo com a linguagem HTML, em uma página web independente e dividida em capítulos; c) apresenta layout com menu lateral, que organiza o conteúdo em seções; d) ao menos parte dos conteúdos é resultado do transplante do meio impresso para o digital; e) a história é linear e, muitas vezes, em ordem cronológica, embora seja comum o uso do hipertexto; f) aglutina linguagens, como a palavra escrita, a fotografia, o vídeo, o áudio etc.; g) o texto estrutura a narrativa em um processo de subordinação; h) os conteúdos suplementares estão sujeitos a *download*; i) representa uma transfiguração do trabalho de autor para os projetos de equipe; j) usa imagens pequenas ao longo do texto e galerias; k) caracteriza-se pela presença de muitos cliques e mudanças de página; l) desdobra a história em vários produtos ou serviços como estratégia para potencializar os lucros.

*Black hawk down* é um caso bem-sucedido da etapa de Transposição, em uma altura que era mais usual produzir especiais ou dossiês que reportagens para a *internet*. À medida que novas

gerações do webjornalismo tomaram a ribalta, que os profissionais da imprensa adquiriram conhecimentos técnico-culturais, que *softwares* e *hardwares* foram lançados, que os cibergêneros evoluíram, a reportagem expandiria o seu poder criativo. Mas, ainda no começo do milênio, a reportagem teve que desbaratar os mitos da metamorfose. Como argumentou Jenkins (2013, p. 236), "contradições, confusões e múltiplos pontos de vista são esperados num momento de transição".

### Renovação (2002-2011)

O ano de 2002 foi um ponto de virada na produção de reportagens para a *internet*. Enquanto muitas empresas viviam a "crise de fé no futuro" do webjornalismo (BASTOS, 2011, p. 156), o gênero mais nobre mergulhava em um oceano de rupturas permeado por mitos e a incorporação de linguagens informáticas. Basicamente, essa guinada aconteceu por dois motivos. De um lado, "devido à exploração do potencial hipertextual, multimídia e interativo para a apresentação de informações" (URETA, 2007, p. 43), isto é, por fatores técnico-sociais. E, de outro lado, por representar "um grande ganho de qualidade editorial em relação aos formatos anteriores" (VENTURA; ITO, 2016, p. 124), ou seja, por valores culturais de uma época.

Na ala de frente da Renovação estava um dos maiores jornais argentinos, que, para o seu diretor de Conteúdos, Guillermo Cullel, há muito estava "experimentando formatos que permitiam expressar conceitos jornalísticos de forma efetiva" (SALAVERRÍA, [2002]). Em 26 de setembro, o conhecimento acumulado descortinou um dos trabalhos mais inovadores já criados até então. Uma parceria inédita entre a unidade multimídia do *Clarín.com* e a equipe de investigação do *Clarín*, sob direção de Marcelo Franco e Guido Culasso Moore, publicou *Piqueteros: la cara oculta del fenómeno* (Figura 2).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3BYeYzO>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 2 – Piqueteros do Clarín (2002)



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor em Arquivo.PT.<sup>6</sup>

Fruto de um mês de trabalho de campo na região metropolitana de Buenos Aires, a peça narra a ascensão de movimentos sociais formados por desempregados e que tinham o bloqueio de estradas como principal método de intervenção. Com essa pauta em mente, a equipe de reportagem pegou uma nova rota para desvendar os bastidores dos protestos. Fez entrevistas, visitou acampamentos e conheceu a rotina que impulsionava tais atos. Ou seja, usou os procedimentos clássicos de qualquer reportagem, muitas vezes, comparada à etnografia (SOUZA, 2010; GODINHO, 2009).

Ao menos 18 especialistas de diferentes áreas do saber participaram da confecção de *Piquete-*

*ros*, como jornalistas, fotógrafos, programadores, editores de vídeos e produtores multimídia. Como em outras obras, os seus nomes e funções foram cuidadosamente listados no expediente. De forma imediata, afirmam editores do diário, a reportagem foi “elogiada como o melhor trabalho jornalístico da internet”.<sup>7</sup> Em 2003, *Piqueteros* venceria o prêmio *Nuevo Periodismo* da Fundação Gabriel García Márquez, em disputa com 110 obras de 17 países ibero-americanos. O júri, integrado por pesquisadores e jornalistas, atribuiu o galardão pelo “domínio da arte de contar histórias”.<sup>8</sup> Uma década depois, Longhi (2014, p. 889) destacaria que a obra iniciou um período em que “os especiais multimídia começaram a chamar a atenção

<sup>6</sup> Disponível em: <https://arquivo.pt/wayback/20090707144808/http://www.clarin.com/diario/especiales/piqueteros/index.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bitly.com/wz7cSb>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://bitly.com/gJMGF>. Acesso em: 20 set. 2022.

pelas suas qualidades expressivas".

Uma análise atenta de *Piqueteros* e do seu contexto de produção levanta ao menos três pontos sobre o período de Renovação. Primeiro, que começavam a surgir reportagens criadas especificamente para o digital, em um cenário de metamorfose do webjornalismo. Depois, que as pesquisas sobre a temática também alçavam os primeiros voos. São dessa etapa pesquisas como as de Royal e Tankard (2004), Ureta (2007), Santana (2008), Ramos (2010), Berning (2011) etc. Por fim, que graças aos avanços tecnológicos e à preparação profissional, alguns interditos que moldavam os trabalhos de Transposição começavam a ser ultrapassados (DI FÁTIMA; LAPA, 2018).

*Piqueteros* introduziu uma nova estrutura narrativa da história. E era justamente a estrutura que distinguia essas reportagens na *internet* (SALA-VERRIA, 2002). O primeiro contato do leitor com a história é mediado por uma introdução que, assim como o *lead* clássico, indica qual tratamento é dado à temática. De certa maneira, é como explicar: 'a nossa reportagem aborda tais eventos com o seguinte enfoque, agora... navegue, navegue, navegue'. Alguns autores chamaram essa estratégia narrativa de interface introdutória. A partir daí, a obra pode ser consumida de forma não linear. A interface introdutória ganhou força nos anos seguintes, em obras criadas pelo *El Mundo*, *La Voz*, *Jornal do Commercio*, *The Globe and Mail*, *El País*, *Renascença*, *Zero Hora* etc.

*Piqueteros* integra fotografias, vídeos, hipertextos, infografias, narrações etc. Em detrimento do texto, que soma pouco mais de dez mil palavras, seis *narrated slideshows* apresentam-se como espinha dorsal da reportagem. Com módulo de avanço automático, sob os efeitos de movimento criados pelo zoom, 69 fotografias são seguidas por uma voz em *off*. Os conteúdos suplementares estão organizados em um menu com quatro seções (vídeos, infografias, textos, links na web), no topo da página. As seções desdobram-se em subseções que armazenam recursos de hipertextualidade e multimodalidade, parecendo confirmar, pela ordem que aparecem, que a palavra escrita não conduz a trama. Com base

em trabalhos semelhantes, Ureta (2007) nomeou essas estruturas de Nível 1 e de Nível 2. Enquanto o primeiro apresenta-se como uma guia geral para navegação, indicando quais as possíveis rotas de consumo da reportagem, o segundo aprofunda essas informações, às vezes, com ligações externas.

A integração dos elementos e a estrutura da narrativa em *Piqueteros* apenas foram possíveis graças a uma tecnologia que moldou deveras a segunda fase da reportagem para a *internet*. Se a Transposição se caracterizou pela utilização do HTML, foi o Adobe Flash Player que impulsionou as rupturas da Renovação. Não era a primeira vez que órgãos de comunicação utilizavam o *software*, com desenhos vetoriais, para criar efeitos específicos de animação e incorporar vídeos nas peças. Em 2000, por exemplo, o *El Mundo* lançou o especial *25 años sin Franco*, que absorvera algumas funcionalidades do Flash Player. A verdadeira inovação do Clarín foi experimentar o que McAdams (2005, p. 9) nomeou de *news packages*: "vários elementos e histórias dentro de um único pacote online".

O Flash Player possibilitou o desenvolvimento de ambientes virtuais capazes de proporcionar uma nova experiência para o leitor. Contudo, como as primeiras versões da linguagem HTML, tinha vantagens e desvantagens. De um lado, era mais dinâmico e mais flexível frente aos protocolos da web; de outro lado apresentava falhas e a necessidade de instalar o *plug-in* da Adobe. Se permitia articular em um pacote de dados as potencialidades multimídia e interativas, é verdade que não era executado por alguns *browsers* e o próprio *download* das páginas era lento. O Flash expandiu o horizonte inovador da reportagem, enquanto acentuou a centralização das melhores peças em grandes corporações, seja pelo alto custo do *software*, seja pela necessidade de quadros especializados.

A etapa de Renovação também teve que enfrentar mitos sobre os modos de leitura e as técnicas de redação para a web. Basicamente, três quimeras assombravam os projetos mais audazes. Primeira, quanto à falta de atenção do leitor de

textos online em detrimento à dita profundidade associada aos jornais e revistas (FRANCO, 2009). Depois, quanto ao suposto desinteresse pelo consumo de textos longos via telas (PADILHA, 2010). Por fim, quanto à necessidade de produzir obras jornalísticas cada vez mais curtas ou fragmentadas (LONGHI, 2017). Em diversos estudos que incidiram sobre a Renovação, anos após anos, Nielsen (2007, 2000, 1997) defendeu, por exemplo, o texto curto, a pirâmide invertida e o conteúdo sucinto. Os mitos desencadearam um paradoxo. De um lado, conforme o texto encolheu, linguagens multimídia assumiram a função de espinha dorsal das reportagens. De outro lado, longe do reino da palavra escrita, o gênero nobre perdia a única tecnologia que acompanhou o seu desenvolvimento desde o século XIX. Assim que o webjornalismo evoluiu e que os hábitos de consumo via telas conectadas começaram a se consolidar, as pesquisas jogaram por terra esses mitos (POYNTER, 2007; GARTNER, 2011).

Com base na observação de obras e em pesquisas semelhantes, é possível listar as principais características de Renovação: a) reúne profissionais de diversas áreas do saber, sobretudo a partir da convergência da redação; b) a maior parte do conteúdo, quando não todo ele, já é criado para a *internet*; c) ganha corpo em uma página web independente ou via *hotsites*, construídos em Adobe Flash Player; d) apresenta o menu lateral ou suspenso; e) organiza a história em um pacote noticioso, a partir de seções e de subseções; f) em certos casos, adapta-se à principal linguagem do veículo que a produziu; g) muito embora parta quase sempre de uma introdução geral, é não linear e cabe ao leitor traçar o caminho de navegação; h) aglutina linguagens com potencial para ser a espinha dorsal da reportagem; i) a palavra escrita perde o seu poder estruturador da narrativa; j) o texto diminui, assim como o número de cliques e de mudanças de página.

*Piqueteros* é só o primeiro caso da etapa de Renovação da reportagem na *internet*. Muitos outros veículos seguiram esse caminho. O fe-

nômeno também é resultado de cinco fatores combinados. Primeiro, de pesquisas levadas a cabo por institutos como Poynter e Gartner, que investigaram os padrões de consumo de dados digitais. Segundo, do trabalho independente de autores que defenderam, às vezes contra a corrente, a presença de textos longos nos cibermeios. Terceiro, da consolidação de hábitos de consumo informativo em diferentes telas. Quarto, da popularização de Tecnologias de Informação e Comunicação, como tablets e smartphones, mas também de *softwares* e de *hardwares* que otimizaram o trabalho na redação. Quinto, dos veículos que investiram em reportagens, e chegariam à nova fase do gênero na rede.

### Estabilização (2012-2021)

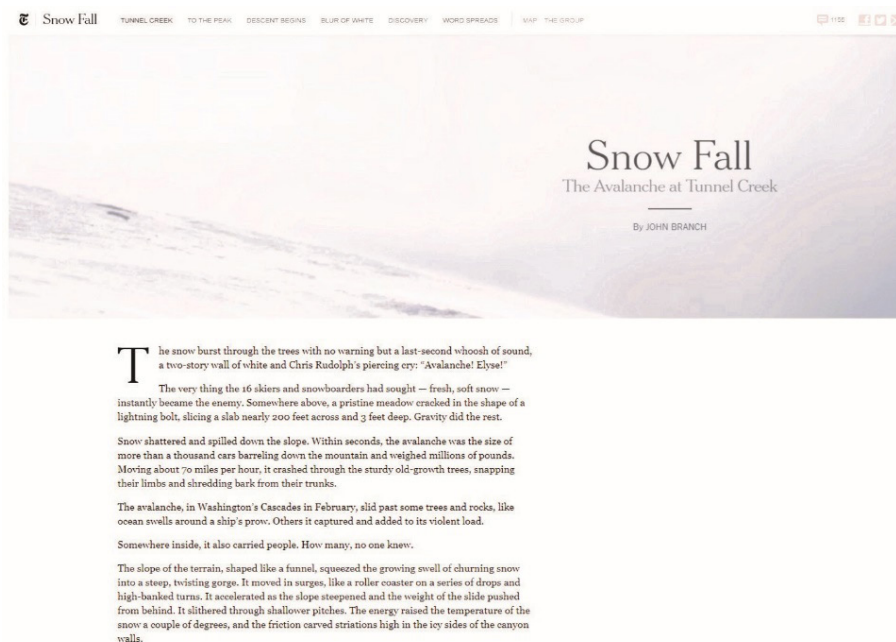
Dez anos depois de *Piqueteros*, outro projeto transformou de forma mais profunda a criação de reportagens para a *internet*. Em 20 de dezembro de 2012, o *New York Times* apresentou *Snow Fall – The avalanche at Tunnel Creek* (Figura 3).<sup>9</sup> A obra narra a história de um grupo de esquiadores surpreendidos por um deslizamento de neve em Stevens Pass, nos Estados Unidos. Fruto de seis meses de trabalho em equipe, a repercussão foi imediata e pode ser analisada por três frentes.

Primeira, pelo grande número de leitores que atraiu. A obra teve 2,9 milhões de acessos únicos em uma semana, com picos de 22 mil utilizadores em simultâneo. Segunda, pelo reconhecimento do universo jornalístico ao "estabelecer um modelo que tem sido imitado por vários veículos" (DOWLING; VOGAN, 2014, p. 209), como *The Guardian*, *Rhein Zeitung*, *L'Equipa*, *Asahi*, *Folha de S. Paulo* etc. Terceiro, pelo impacto no mundo acadêmico, seja pela multiplicação de investigações que mencionam a obra (DI FÁTIMA, 2021; ITO, 2020; KOVACS, 2016; HERNANDEZ; RUE, 2015; CANAVILHAS, 2014), seja pela conquista de prêmios em que o júri também é formado por pesquisadores, como o *Peabody* (2012) e o *Pulitzer* (2013).

<sup>9</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3BZMfL8>. Acesso em: 20 set. 2022.



Figura 3 – Snow Fall do New York Times (2012)



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor em Arquivo.PT.<sup>10</sup>

*Snow Fall* oferece ao leitor um texto de 17.330 palavras, do repórter John Branch. Mais do que um conjunto de vocábulos e expressões, é o texto que dá ritmo para as outras linguagens da reportagem. Estruturada em seis capítulos, com começo, meio e fim muito bem definidos, a estrutura narrativa é linear. Embora a atenção esteja na palavra escrita, com texto centralizado na tela, 102 hiperligações conectam os conteúdos multimídia. Ao todo são doze vídeos, sete animações e cinco áudios. Além disso, 183 fotografias surgem ao longo do texto ou organizadas em *slideshow*. Em alguns casos, quando as imagens são o cabeçalho do capítulo, elas cobrem toda a extensão da tela. A reportagem ainda contou com o trabalho de 17 profissionais de diferentes áreas, como designer, fotógrafo, auxiliar de pesquisa, cinegrafista etc.

A equipe do *New York Times* desenvolveu as páginas web da reportagem com um conjunto de linguagens que eliminou os interditos do Flash Player. Dentre as linguagens estão um pacote de recursos do JavaScript, CSS3 e HTML5. Graças ao HTML5, a última geração do idioma nativo da web,

a peça tem design responsivo e ajusta-se às diferentes telas. Vários pesquisadores têm louvado a substituição do HTML (fase de Transposição) e do Flash (fase de Renovação) pelo HTML5 (BARBOZA, 2016; WINQUES, 2015). A mudança mais notável é na lógica de navegação. Enquanto a reportagem de Transposição é apresentada em modo fragmentado e, a de Renovação, como um pacote de dados, na de Estabilização destacam-se as técnicas de *parallax scrolling*.

Basicamente, o *parallax* cria o efeito visual de profundidade de campo a partir das diferentes velocidades de movimento do conteúdo e do fundo da tela. Conforme a página é rolada, os conteúdos multimídia e interativos surgem e escondem-se aos olhos do leitor. Criam a experiência inovadora de terceira dimensão e marcam o ritmo de consumo do texto, vídeos, animações, fotos etc.

O período de Estabilização não estaria completo sem estabelecer uma estrutura de consumo para os conteúdos. Parte desse trabalho só seria possível graças ao conjunto das linguagens informáticas utilizadas, mas também pela busca

<sup>10</sup> Disponível em: <https://arquivo.pt/wayback/20200120002221/http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>. Acesso em: 20 set. 2022.

histórica por criar peças mais imersivas. Alguns autores têm estudado os conceitos de horizontalização e verticalização do jornalismo narrativo (DALL; BARICHELLO; BELOCHIO, 2016; CANAVILHAS; BACCIN; SATUF, 2017). Na narrativa verticalizada, o consumo de conteúdo dá-se pela barra de rolagem, ou seja, pelo *scrolling* das páginas web. Já na narrativa horizontalizada, o consumo de conteúdo é feito por seções, capítulos ou blocos informativos. Obras mais complexas, como *Snow Fall*, podem utilizar essas estruturas em simultâneo. Enquanto os alicerces da história são horizontais, o consumo do conteúdo é vertical. Cada capítulo tem início, meio e fim.

Independentemente das estruturas de consumo, parece claro que o efeito imersivo depende, em última instância, da escolha do leitor (LASSILA-MERISALO, 2014). É ele que decide quais caminhos correr. Difícilmente, contudo, poderia se desvencilhar do texto *longform*, uma tendência da reportagem de Estabilização (HIIPPALA, 2016). Os autores ainda têm encontrado dificuldades para definir o que é *longform*. A maioria deles investe na contagem de vocábulos. Por exemplo: Ventura e Ito (2016) consideram peças com no mínimo duas mil palavras, enquanto Longhi (2014) fala em quatro mil palavras, mas faz a ressalva de que uma grande reportagem teria entre 10 mil e 20 mil. Os sites agregadores Longform.org<sup>11</sup> e Longreads.com<sup>12</sup>, especializados em reportagem, concebem o *longform* como acima das 1.500 e 2.000 palavras, respectivamente. Em resumo, se no alvorecer do webjornalismo acreditava-se que na web só poderia ter textos curtos, hoje, é amplamente aceito que também pode acolher narrativas de fôlego.

É necessário considerar que não é a extensão do texto que determinará a qualidade da reportagem. *Longform* é mais que palavra sobre palavras. A qualidade dos projetos é inversamente proporcional ao árduo, longo e caro regime de produção das reportagens, mas também da capacidade dos órgãos em oferecer uma ex-

periência hipermidia. A chave é fazer com que diferentes elementos operem juntos para contar uma história (KOVACS, 2016). Esses elementos são, em suma, a interatividade, multimodalidade, personalização, hipertextualidade, ubiquidade e memória – conceitos amplamente explorados nos estudos do webjornalismo.

Os veículos têm usado essas propriedades da *internet*. Jacobson, Marino e Gutsche Jr. (2015) conduziram uma pesquisa com 50 reportagens lançadas entre agosto de 2012 e dezembro de 2013 em quatro países (Estados Unidos, Austrália, Canadá e Reino Unido). Os resultados apontam que o texto e a fotografia estão em 100,0% das peças, enquanto o vídeo aparece em 88,0%. Em 48,0% dos projetos há infografias estáticas, embora a média caia para 30,0% em infografias dinâmicas. Hiippala (2016) fez uma pesquisa semelhante com 12 reportagens veiculadas, entre 2012 e 2013, pelo *New York Times*, *The Wall Street Journal*, *Rolling Stone* e *The Telegraph*. Os resultados mostram que 42,0% das telas têm fluxo de texto, isto é, a narrativa linear com a palavra escrita. Já a fotografia panorâmica aparece em 29,0% dos casos. O vídeo está em 18,0%, enquanto os mapas e as cartografias aparecem em apenas 4,0%. Os resultados para os veículos em língua portuguesa, seja no Brasil, seja em Portugal, não se afastam muito desses dados, embora também tenham as suas particularidades (DI FÁTIMA, 2021).

Mesmo que pontuais, as reportagens não escaparam de críticas. Canavilhas (2014, p. 123) sublinha que "a maioria refere que o trabalho se afasta do conceito de informação, aproximando-se do mundo do entretenimento". Lassila-Merisalo (2014, p. 11) afirma que "muitos elementos sensoriais podem distrair a atenção do leitor". Cunha (2016, p. 351) diz que "pelo caráter investigativo desse tipo de narrativa, há uma carga excessiva de texto". Khoi Vinh, ex-diretor de design do Times.com, frisa que "nas minhas pesquisas pessoais, decididamente não científicas, de todas as pessoas que conheci e maravilharam-se

<sup>11</sup> Disponível em: <https://longform.org/about>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://longreads.com/about>. Acesso em: 20 set. 2022.

com a *Snow Fall*, ninguém nunca me disse ter realmente lido".<sup>13</sup>

Com base na observação de obras e em pesquisas semelhantes, é possível listar as principais características de Estabilização: a) toda a reportagem já é planejada e produzida para a *internet*, muito embora, às vezes, também tenha versão em outras plataformas; b) ganha corpo na web pelo caldeamento de linguagens informáticas, como HTML5, CSS3 e JavaScript; c) profissionais de diversas áreas são escalados para o trabalho, mas a equipe está sob a batuta intelectual do jornalista; d) a história é linear e organizada em capítulos, com presença de texto longo; e) todos os recursos do webjornalismo podem ser utilizados para a criação de ambientes imersivos; f) tem design responsivo, com vídeos e fotos que ocupam toda a extensão da tela; g) emprega poucos cliques ou mudanças de página; h) o modelo de consumo da narrativa é vertical, horizontal ou misto, a partir das técnicas de *parallax scrolling*; i) incorpora as redes sociais, *newsgames*, vídeos em 360°, animações gráficas etc.; j) adota múltiplos modelos de negócio, como a venda de *ebook*, publicidade dirigida e temas patrocinados.

Na etapa de Estabilização, a disputa é travada com palavras e estatísticas. De um lado da trincheira, os que rechaçam a reportagem na *internet*: "isso é entretenimento, não jornalismo", "é caro", "ninguém está realmente disposto a ler um texto longo na web". De outro, os que acreditam que o gênero encontrou um terreno fértil: 'os dados provam que existe um público interessado', 'o tempo de permanência nas peças é superior à média de outras produções', 'esses projetos legitimam o jornalismo profissional em detrimento de iniciativas amadoras'. Ao que tudo leva a crer, a querela entre palavras e estatísticas deve continuar. Logo, alimenta um debate que conduzirá o jornalismo narrativo ao seu futuro próximo na *internet*.

### Breve leitura cruzada

É possível dividir o conjunto de características

da reportagem na *internet* em dois grupos: os atributos singulares e os fundamentos partilhados. Essa cartografia aglutina as diferentes obras criadas nas fases de Transposição, Renovação e Estabilização. Também ajuda a perceber os elementos gerais e específicos que marcaram trabalhos desenvolvidos nas últimas décadas, como as obras *Black hawk down* (1997), *Piqueteros* (2002) ou *Snow Fall*. Obviamente... sempre há exceções. São projetos que, mesmo criados dentro de um espaço temporal, carregam os códigos de uma etapa anterior. Em outros casos, da mesma maneira, podem lançar um feixe de luz sobre os arranjos informacionais que só ganharão popularidade em um período técnico-cultural ulterior. "A constituição de novos formatos midiáticos não é um processo linear" (CAMARGO; SILVEIRA, 2015, p. 218). Há recuos e guinadas como a própria história do webjornalismo.

Assim, as características e os conceitos listados por esta seção devem ser lidos sob três dimensões de análise. Primeira, apresentam o desenho aproximado para a maioria das reportagens produzidas nas fases, ou seja, indicam as regras gerais. Segunda, reconhecem haver trabalhos que fogem parcialmente ou completamente aos traços riscados. Terceira, que obras com um alto grau de excentricidade criam rotas para as investigações futuras e merecem estudos específicos.

Os fundamentos partilhados são atributos presentes desde os projetos iniciais de reportagem na *internet*, como o caráter multidepartamental e a articulação dos elementos do webjornalismo (Quadro 1). Logo, são transversais à maioria das obras de Transposição, Renovação e Estabilização. Também tiveram a essência praticamente inalterada ao longo do tempo. Da mesma forma que impõem novos ideários, como a estrutura informática da web, parecem confirmar que o cibergênero carrega vestígios do formato impresso, como o método para apuração da história ou o estilo narrativo do texto.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://bitly.com/lw9RJ>. Acesso em: 20 set. 2022.

**Quadro 1 – Fundamentos partilhados da reportagem**

- **Projetos com forte carácter multidepartamental**
- **Repórter como articulador em uma rede de trabalho**
- **Fenômeno transversal a todas as matrizes noticiosas**
- **Deslocamento do repórter ao local dos acontecimentos**
- **Palavra escrita mantém o poder estruturante da narrativa**
- **Emprega as diferentes potencialidades do webjornalismo**
- **Perda do sentido autoral, com crédito a todos os produtores**

Fonte: Elaboração do autor.

Os atributos singulares são aqueles que caracterizam cada fase da reportagem na web, como a linguagem informática ou o modelo de consumo dos conteúdos (Quadro 2). Sendo assim, cada etapa é moldada pelo que acreditavam os jornalistas, o surgimento de uma tecnologia e, até

mesmo, pela capacidade do leitor em reconhecer um dado conteúdo. Por exemplo, se a prática era o transplante das histórias entre meios analógico e digital, o provável seria que essa mesma lógica fosse aplicada na reportagem.

**Quadro 2 – Atributos singulares da reportagem**

Atributos	Transposição (1996-2001)	Renovação (2002-2011)	Estabilização (2012-2021)
Linguagem informática	HTML	Adobe Flash Player	HTML5, Java, CSS3
Produção de conteúdo	Transplante do meio analógico	Em parte criado para a internet	Planejado para a internet
Estrutura de consumo	Vertical e menu	Menu lateral e/ou suspenso	Vertical, horizontal, misto e menu
Narrativa	Linear ou em ordem cronológica	Introdução geral e não linear	Linear ou em ordem cronológica
Conteúdo suplementar	Download	Pacote fechado que precisa de plug-in	Integrado à própria página web
Estilo	Impresso	Multimídia	Hipermissão
Fotos e imagens	Pequena (300 x 202 pixels)	Pequena e média, com slideshows	Panorâmica e com design responsivo
Vídeos e áudios	Ativação manual	Ativação manual e automática	Manual, automática e em loop
Ambiente de consumo	Página web do veículo	Hotsite ou página independente	Página web com parallax scrolling
Consumo de conteúdo	Muitos cliques e mudanças de página	Cliques no pacote informativo	Mudanças entre capítulos

Fonte: Elaboração do autor.

Os quadros 1 e 2 mostram a lista dos principais atributos singulares e fundamentos partilhados das fases da reportagem na *internet*: Transposição, Renovação, Estabilização. Em pesquisas futuras, a leitura cruzada pode ser ainda mais minuciosa se for considerado, por exemplo, cada um dos recursos de multimodalidade, interatividade, personalização, hipertextualidade, memória e ubiquidade. Já os princípios consolidados nos outros ciclos da reportagem também rende-

riam um inventário denso, como as técnicas de apuração, os estilos textuais, o deslocamento do repórter etc. Os recursos são muitos e oscilam de obra para obra. Esta pesquisa cartografou os componentes estruturantes, aqueles que forjaram as bases para que o jornalismo narrativo pudesse existir na web.

A reportagem na *internet* passou por um longo processo de desenvolvimento. Em quase três décadas, ela incorporou funcionalidades e

elementos à medida que o webjornal evoluiu. Na etapa de Transposição seria impraticável, seja pela largura de banda, seja pela escassez dos saberes técnicos, desenvolver peças mais avançadas. A política do *Control C*, *Control V* estabeleceu as diretrizes de como o cibergênero começou a ser praticado. Já o período de Renovação afrontou os mitos que permeavam a metamorfose do webjornal, como os modos de leitura e escrita na *internet*. A Estabilização encontrou um ecossistema midiático experimentado, que trocou as muitas utopias tecnológicas pelas estratégias de curto prazo.

## Referências

- BARBOZA, Eduardo Fernando Uliana. **Infografia**: o Flash e o HTML5 na ampliação das características interativas dos infográficos dos sites [Clarín.com](#) e [Folha.com](#). Fernandópolis: Editora do Autor, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BASTOS, Helder. **Ciberjornalistas em Portugal**: práticas, papéis e ética. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.
- BERNING, Nora. Narrative journalism in the age of the internet: new ways to create authenticity in online literary reportages. **TextPraxis**, Münster, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2011.
- CAMARGO, Isadora Ortiz de; SILVEIRA, Stefanie C. da. Ciberjornalismo e dispositivos móveis: características do jornalismo em mobilidade. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO (COBCIBER), 4., Porto, 2015. **Atas** [...]. Porto: COBCIBER, dez. 2015. p. 214-227.
- CANAVILHAS, João. A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web. *In*: REY, Paula Requeijo; PISONERO, Carmen (ed.). **Contenidos innovadores en la Universidad Actual**. Madrid: McGraw-Hill, 2014. p. 119-130.
- CANAVILHAS, João; BACCIN, Alciane; SATUF, Ivan. Um ecossistema muito além do PC: a nova tessitura da narrativa na web. *In*: PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno (ed.). **Narrativa e media**: gêneros, figuras e contextos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 317-344.
- CUNHA, Rodrigo. A narrativa vertical multimídia e o uso do design da informação. *In*: SILVA, Fernando Firmino da (ed.). **Transmutações no jornalismo**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 331-354.
- DALL, Carolina Teixeira Weber Agnese; BARICHELLO, Eugenia Maria Mariano da Rocha; BELOCHIO, Vivian de Carvalho. Legitimação institucional do jornalismo a partir da autorreferencialidade na grande reportagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 34-44, 2016. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2016v13n2p34>.
- DI FÁTIMA, Branco. Quarta vaga da reportagem: retratos em português. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 21, n. 38, p. 77-98, 2021. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_38\\_4](https://doi.org/10.14195/2183-5462_38_4).
- DI FÁTIMA, Branco; LAPA, Tiago. A reportagem na internet: uma análise das transformações narrativas do webjornalismo. *In*: IBERCOM, 15., 2018, Lisboa. **Atas** [...]. Lisboa: IBERBOM, nov. 2018. p. 5434-5451.
- DOWLING, David; VOGAN, Travis. Can we 'Snowfall' this? Digital long form and the race for the tablet market. **Digital Journalism**, Londres, v. 3, n. 2, p. 209-224, 2014. <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.930250>.
- EDO, Concha Bolós. **Periodismo informativo e interpretativo**: el impacto de internet en la noticia, las fuentes y los géneros. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2009.
- FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: AGE, 1999.
- FRANCO, Guillermo. **Cómo escribir para la web**: bases para la discusión y construcción de manuales de redacción 'online'. Austin: Knight Center for Journalism, 2009.
- FREIXA, Pere. Reportajes especiales en los cibermedios. Análisis de diez años de Premios Goya y Oscar Awards en Elpais.com (2005-2014). **El Profesional de la Información**, Madrid, v. 24, n. 3, p. 291-300, 2015. <https://doi.org/10.3145/epi.2015.may.09>.
- GARTNER. **Gartner survey shows digital text consumption nearly equal to time spent reading printed paper texto**. Stamford: Gartner, Inc, 2011.
- GODINHO, Jacinto. **As origens da reportagem - imprensa**. Lisboa: Novos Horizontes, 2009.
- HERNANDEZ, Richard Koci; RUE, Jeremy. **The principles of multimedia journalism**: packaging digital news. Nova York: Routledge, 2015.
- HIIPPALA, Tuomo. The multimodality of digital long-form journalism. **Digital Journalism**, Londres, v. 5, n. 4, p. 420-442, 2016. <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1169197>.
- ITO, Liliâne de Lucena. Da reportagem hipermídia ao feed do Facebook: o processo de circulação de mensagens pós-recepção sobre o racismo no Brasil. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 27, Número Único, p. 1-15, 2020. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.37546>.
- JACOBSON, Susan; MARINO, Jacqueline; GUTSCHE JR, Robert E. The digital animation of literary journalism. **Journalism**, Londres, v. 17, n. 14, p. 527-546, 2015. <https://doi.org/10.1177/1464884914568079>.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.
- KOVACS, Kasia. How to engage readers with digital longform journalism. **American Press Institute**, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/WJqclt>. Acesso em: 10 set. 2021.

LASSILA-MERISALO, Maria. Story first: publishing narrative long-form journalism in digital environments. **Journal of Magazine & New Media Research**, Lincoln, v. 15, n. 2, p. 1-16, 2014. <https://doi.org/10.1353/jmm.2014.0007>.

LONGHI, Raquel Ritter. Ciberjornalismo no Brasil e o texto longforms. In: MARTINS, Gerson Luiz; REINO, Lucas Santiago; BUENO, Thaisa (ed.). **Performance em ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência**. Campo Grande: Editora UFMS, 2017. p. 63-70.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, 2014. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.3.18660>.

MANNARINO, Marcus Rodrigues. **O papel do webjornal: veículo de comunicação e sistema de informação**. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2000.

MCADAMS, Mindy. **Flash journalism: how to create multimedia news packages**. Oxford: Focal Press, 2005.

NIELSEN, Jakob. Be succinct! (Writing for the web). **Nielsen Norman Group**, 1997. Disponível em: <https://goo.gl/XJaKkg>. Acesso em: 10 set. 2021.

NIELSEN, Jakob. Long vs. short articles as content strategy. **Nielsen Norman Group**, 2007. Disponível em: <https://goo.gl/1b5LV0>. Acesso em: 10 set. 2021.

NIELSEN, Jakob. **Projetando websites: designing web usability**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PADILHA, Sônia. A contribuição do webjornalismo na construção da sociedade do conhecimento. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)**, 2010. Disponível em: <https://bityli.com/yl8Eh>. Acesso em: 10 set. 2021.

PALAU-SAMPIO, Dolores. El reportaje digital: una apuesta narrativa frente al archivo documental. **Comunicación y Pluralismo**, Salamanca, v. 1, n. 4, p. 1-14, 2007. <https://doi.org/10.36576/summa.29150>.

POYNTER. **EyeTrack07: a study of print and online news Reading**. São Petersburgo: The Poynter Institute, 2007.

RAMOS, Daniela Osvald. Aspectos da convergência de mídias e da produção de conteúdo no **Clarín.com**. **Revista Libero**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 143-152, 2010.

RIBAS, Beatriz Muniz. **A narrativa webjornalística: um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ROYAL, Cindy; TANKARD, James W. Literary journalism techniques create compelling Black hawk down web site. **Newspaper Research Journal**, Washington, v. 25, n. 4, p. 82-88, 2004. <https://doi.org/10.1177/073953290402500408>.

SALAVERRÍA, Ramón. A propósito del reportaje Pi-queteros de Clarín. In: **E-Periodista**. [S. l.], 29 set. 2002. Disponível em: <https://goo.gl/5vM45c>. Acesso em: 10 set. 2021.

SALAVERRÍA, Ramón; CORES, Rafael. Géneros ciberperiodísticos en los cibermedios hispanos. In: SALAVERRÍA, Ramón (ed.). **Cibermedios: el impacto de internet en los medios de comunicación en España**. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2005. p. 145-185.

SANTANA, Liliam Marrero. El reportaje multimedia como género del periodismo digital actual. Acerca- miento a sus rasgos formales y de contenido. **Revista Latina**, Tenerife, n. 63, p. 348-367, 2008. <https://doi.org/10.4185/RLCS-63-2008-773-348-367>.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Covilhã: LabCom, 2009.

SHEPHERD, Michael; WATTERS, Carolyn. The evolution of cybergenres. In: ANNUAL HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 31., 1998, Hawaii. **Atas** [...]. Hawaii: [s. n.], jan. 1998. p. 97-109.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

STATCOUNTER. **Top desktop, tablet & console browsers per country**. Nova York: Global Stats Tool, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3BCx3LL>. Acesso em: 21 set. 2022.

URETA, Ainara Larrondo. The challenge of online journalistic language to narrative forms: the special report case study on Spanish press websites. **ZER – Revista de Estudios de Comunicación**, Leioa, v. 12, n. 23, p. 41-61, 2007.

VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé. Reportaje interactivo: un género periodístico para el medio digital. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN DE LA COMUNICACIÓN (XESCOM), 1., 2015, Pontevedra. **Atas** [...]. Pontevedra: [s. n.], nov. 2015. p. 102-117.

VENTURA, Mauro de Souza; ITO, Liliane de Lucena. Inovação no jornalismo brasileiro: o caso das reportagens TAB, do Uol. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 17, n. 35, p. 121-134, 2016. <https://doi.org/10.13037/ci.vol17n35.3738>.

WINQUES, Kérley. Apuração e inovação: uma análise da série UOL TAB, do portal UOL. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO (CIBERJOR), 6., 2015, Campo Grande. **Atas** [...]. Campo Grande: CIBERJOR, jun. 2015. p. 1-20.

---

## Branco Di Fátima

Doutor em Ciências da Comunicação pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), em Lisboa, Portugal; mestre em Comunicação pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), em Lisboa, Portugal. Investigador contratado pelo LabCom – Comunicação e Artes, da Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã, Portugal.

---

### Endereço para correspondência

Branco Di Fátima  
Universidade da Beira Interior (UBI)  
LabCom – Comunicação e Artes  
Rua Marquês de Ávila e Bolama  
6201-001  
Covilhã, Portugal

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá  
Comunicação e submetidos para validação do autor  
antes da publicação.*